

guaribe. Um canal derivado do rio S. Francisco para as origens do rio Salgado, confluinte do Jaguaribe, dará em resultado que uma região de perto de cem legoas no Ceará seja banhada por aguas perennes; pois sabemos, que o caudaloso rio, que se origina na provincia de Minas, poderá supprir constantemente o rio cearense com provisão bastante para mantel-o em condições de lhe não lhe seccar o curso nas estações do estio.

Sendo assim, é facil comprehender quanta vantagem terá o Ceará. E' um novo Nilo, que alli crearemos, facilitando a cultura de irrigação nas suas margens e mesmo em alguma distancia por via de canaes lateraes; e em tão extenso percurso as populações e os gados encontrarão, nos tempos mais rigorosos, os necessarios recursos á vida.

Aquelles que objectam a impraticabilidade da obra, desenganar-se-iam, si conhecerem, como eu conheço, aquellas paragens.

A obra será dispendiosa; mas não offerece obstaculos fóra do commum.

Si ninguem se antepõe contestando a vantagem de termos em tão grande extensão um poderoso curso d'agua, o que convem preliminarmente? Resolver o problema da possibilidade desse trabalho quer quanto aos obices naturaes ou do terreno, quer quanto aos gastos necessarios. Pois bem; façam-se os estudos technicos; e isto espero que o governo resolverá fazer sem muita detença.

A despeza do estudo local não será grande, e para tamanho cometimento não devemos parar ante gastos razoaveis. Peço, portanto, ao governo do meu paiz que mande verificar a praticabilidade de uma obra, de que já o governo colonial do Brazil se preocupava como util e necessaria. Ha mais de meio século que se cogita desse melhoramento; é, pois, tempo de resolvê-lo.

Não venho, Sr. presidente, fazer hoje a demonstração das vantagens que a minha provincia colherá com a realização das obras de que tenho fallado, quando a simples enunciação dellas é sufficiente para persuadir a sua utilidade. Tem sido a minha *delenda Carthago*, sempre que os meus comprovincianos honram-me com o seu mandato, insistir no parlamento nacional por providencias conducentes a melhorar a sorte dos cearenses contra as vicissitudes da natureza, e essas providencias são as que ficam apontadas. Eu novamente agora o faço, confiado no patriotismo do actual ministerio, que não desattenderá ao futuro de uma população que tem se mostrado digna da estima dos brasileiros e do amparo dos poderes publicos.

Dirijo ainda ao terminar meus votos de sincero reconhecimento pelos serviços que o presidente do Ceará está prestando á população vexada pela penuria, e congratulo-me com o ministerio pelo apoio prestado ao seu delegado, coadjuvando-o em tão benefico intento.

Tenho concluido. (*Muito bem.*)

O Sr. Joaquim Nabuco: — Sr. presidente, eu estimo que a contestação formal oposta pelo governo á noticia que deu hoje a *Gazeta de Noticias* seja de todo o ponto veridica. Essa noticia não poderá deixar de ser objecto por parte daquelle jornal que hoje publicou uma noticia de tão grande importancia e das mais extraordinarias consequencias, de um exame com-

pleto, que o leve a manter ou a retirar a narração que fez dos acontecimentos da praia Vermelha. Como disse, estimo que seja verdadeira a contestação; mas a exposição do governo não foi de todo satisfactoria.

Os factos allegados na *Gazeta de Noticias* são numerosos; e o principal delles a meu vêr é a noticia de que na Escola Militar ouviu-se de um grande numero de estudantes o grito de viva Lopes Trovão!

O SR. AFFONSO CELSO: — E a demissão do commandante da Escola tambem é um facto muito grave.

O SR. JOAQUIM NABUCO: — Eu creio que este não é o momento de retalições partidarias, nem o momento de saber como os dous partidos se comportaram na primeira phase da questão militar. O que posso sómente dizer é que se houve entre nós quem sustentasse o exercito contra o governo, faziam-n'o porque estavam convencidos de que o exercito naquella questão pugnava pelo direito da sua dignidade e dos seus brios; hoje, porém, si a instituição em que são educados os nossos officiaes, em que são educados aquelles a quem teremos que confiar a sorte da bandeira da patria em lutas talvez possiveis contra governos de instituições republicanas, si essa instituição se tornar de facto em um fóco de conspiração republicana no paiz, eu creio que não haverá duas opiniões entre os partidos monarchicos, e que o governo será apoiado por todos nós em quaesquer medidas que tomar por termo a um perigo publico dessa ordem. (*Muitos apoiados.*)

A esse respeito não pôde haver duas opiniões; o militar tem o direito o mais completo de ser republicano, e ninguem pôde forçar o official militar a ser monarchista; assim elle pôde ser republicano, e nós vimos que no exercito francez, quando no segundo imperio se separou a votação militar da votação civil, nada menos de 40.000 militares affirmarem, no ultimo plebiscito napoleónico, a sua fé republicana. Ninguem pôde contestar o direito do soldado e do official brasileiro de ter opiniões republicanas, mas com esse direito subsiste tambem, em todo o seu rigor, a lei militar, e, portanto, no exercicio ou no cumprimento das obrigações de sua farda, o official ou soldado republicano tem que sujeitar-se como qualquer outro official ou soldado brasileiro á bandeira que jurou. (*Muitos apoiados e alguns apartes.*)

Sinto, Sr. presidente, ter nesse momento de qualificar com toda a severidade o procedimento dos partidos monarchicos; devo porém dizer esta phrase: está provado que ha republicanos; estará igualmente provado que ha monarchistas!

Essa prova está se tornando cada dia mais necessaria, porque não é só no exercito, é em todas as repartições, é na magistratura, é no parlamento, é no proprio Conselho de Estado, é nas instituições creadas pelo favor monarchico, que se asyla este espirito de perfidia contra as instituições (*muitos apoiados e não apoiados*), digo de perfidia porque não é nem espirito monarchico, nem espirito republicano.

O SR. RODRIGUES PEIXOTO: — Não é perfidia, ha convicções em alguns.

O SR. JOAQUIM NABUCO: — V. Ex. para interromper-me deve ter em mente alguma indi-

Sessão em 5 de Novembro de 1888

vidualidade, mas eu confesso que não tive nenhuma.

Neste momento critico de nossa patria, sobretudo agora, que se vai dispensar o parlamento; a attitude do governo deve ser a mais perfeita pela gravidade que poderia ter em taes circumstancias o menor desvio.

Não ha quem ignore que o Imperador, no seu estado presente de saúde, apesar de toda a sua solicitude e de seu patriotismo, não pôde exercer sobre a marcha das instituições que Sua Magestade por assim dizer tinha personificado em si, a influencia que exerceu por tanto tempo.

UM SR. DEPUTADO: — E' bom que V. Ex. confesse isso.

O SR. JOAQUIM NABUCO: — Eu acabo de ver o Imperador, tive a honra de conversar com Sua Magestade e pude reconhecer, que o Imperador falla dos assumptos politicos do paiz com a sua prudencia e a sua ponderação de sempre; mas digo que elle não pôde por seu estado de saúde exercer na direcção de nossa politica o papel ascendente que exerceu durante seu reinado.

O SR. COSTA PEREIRA (*ministro do imperio*): — Posso asseverar que Sua Magestade exerce as suas funcções com a mesma actividade e zelo patrioticos.

O SR. JOAQUIM NABUCO: — Além do estado de licado do Imperador, a revolução operada pela lei de 13 de Maio neste paiz trouxe e incontestavelmente o esphacellamento dos dous partidos monarchicos. No meio desse esphacellamento o Ministerio tornou-se o depositario do throno, ao qual devemos independencia, a unificação e a redempção de nossa patria, e tem, portanto, o dever de impedir que não triumphe contra elle essa reacção contra a lei de 13 de Maio, essa desforra do escravismo que se foi abrigar à sombra da republica. (*Apartes.*)

Comprehendo, Sr. presidente, que o ideal da republica esteja naquelles que entram na vida militar com o ideal da patria livre, e o comprehendendo tanto mais que a indifferença mostrada pelos poderes publicos, em relação à principal vocação de qualquer sociedade, não pôde fazer nascer a gratidão no coração dos militares desviados da sua missão de defensores da bandeira nacional para serem envolvidos nas luctas eleitoraes e rivalidades politicas dos dous partidos monarchicos.

Este procedimento dos governos de ambos os partidos enfraqueceu por certo e enfraquecerá cada vez mais na alma do soldado o amor pelas instituições, e si não annullou este sentimento, é porque o exercito, na sua grande maioria, é recrutado nessa raça contra cuja liberdade se levanta o novo partido republicano; é composto na sua maioria de homens de cor, porque essa classe que se julga com tanto direito ao governo do paiz, que hoje, porque o fanzendeirismo foi ferido, pretende atirar com a republica como insulto, sinão como desforço à face da monarchia; essa classe digo eu recrutou sempre as fileiras do exercito entre a raça cuja liberdade a desespera e não deu nunca uma gota de seu sangue pela defesa de nossa patria. (*Contestações.*)

E' essa identificação das fileiras do exercito com o povo libertado a 13 de Maio que eu considero a

base mais larga para uma politica monarchica que satisfaça as aspirações do paiz.

O momento, Sr. presidente, escolhido para a nova agitação republicana foi o mais infeliz, e é por isso que eu sinto ver a mocidade associando-se a uma reacção contra o acto que enobrecerá a nossa patria perante o mundo.

Mas, como eu ia dizendo (*apoiados*), comprehendendo que na escola militar, que na mocidade de todas as escolas haja um fermento de aspiração republicana. Seja respeitada essa aspiração; mas não consinta o governo que uma instituição creada pelo Estado, a custa de muitos sacrificios do contribuinte, do povo, para educação e disciplina da mocidade que se destina à vida militar, uma instituição da qual todos que-remos ter orgulho como de uma escola de disciplina, de tradição, de vocação militar que nos faça honra perante o estrangeiro, que é perante quem o exercito nos deve principalmente fazer honra, se torne um foco de agitação revolucionaria contra as instituições legaes. (*Muitos apoiados, muito bem.*)

Este sentimento, Sr. presidente, deve-o ter por igual todos os partidos monarchicos. (*Apoiados.*) Eu só direi uma palavra mais, Sr. presidente, em que não posso deixar de vez no actual movimento republicano as suas origens incontestaveis, considero uma fortuna para a monarchia, fortuna devida à alta inspiração moral da lei de 13 de Maio, ter nascido a agitação republicana do resentimento de uma classe contra o maior acontecimento de nossa patria, porque basta isto para stigmatizar a nova republica perante o mundo civilizado, que applaude os progressos da nossa patria e para impedir que ella tenha raizes no coração do nosso povo identificado com a dynastia naquella grande acto. (*Apoiados, muito bem, muito bem; o orador é muito felicitado.*)

PRIMEIRA PARTE DA ORDEM DO DIA

NEGOCIOS DO PIAUHY

O SR. PRESIDENTE: — Tendo sido concedida uma hora de urgencia ao Sr. Coelho Rodrigues, affim de tratar de negocios do Piauhy, tem a palavra o nobre deputado.

O Sr. Coelho Rodrigues: — Sr. presidente, antes de proseguir na ordem de considerações, em que fui interrompido pela hora na sessão de 23 do mez passado, careço de voltar um pouco atraz para fazer, não direi um requerimento, nem mesmo um pedido, mas uma supplica ao honrado senador da minha provincia em favor dos seus adversarios politicos, cujo maior crime consiste, na opinião de S. Ex., em serem conservadores, peccado de que elle tambem foi réo impenitente, durante muitos annos.

Refiro-me especialmente aos de Jaicós, Oeiras e S. Raymundo Nonato, donde os conservadores não cessam de reclamar contra os respectivos juizes de direito.

Contra o primeiro delles, devem existir na secretaria da justiça, entre outros documentos importantes, duas representações das respectivas camaras municipaes, queixando-se unisonas de actos praticados pela primeira autoridade daquelle circumscripção territorial, no exercicio das importantes funcções da judicatura.

O SR. COELHO DE REZENDE: — Com toda a razão,